

REDES GEOGRÁFICAS: UM ESTUDO SOBRE O COMÉRCIO ATACADISTA E VAREJISTA DE SINOP, SORRISO E LUCAS DO RIO VERDE-MT¹

Moisés A. de Carvalho

RESUMO

A nova lógica de distribuição dos centros urbanos no território mato-grossense especialmente os situados ao longo dos chamados corredores de produção do agronegócio, deve ser apreendida a partir da perspectiva de que estes surgem num contexto de economia voltada para a produção, inicialmente de grãos e recentemente com uma diversificação na produção. Neste contexto, surgem novas firmas dinamizando estes centros, alterando o espaço e conseqüentemente, as sociedades envolvidas. Neste trabalho discute-se as redes geográficas, o comércio atacadista e varejista nas cidades de Sinop, Sorriso e Lucas do Rio Verde. Busca-se fazer uma análise a respeito do comércio tendo como foco principal as empresas instaladas nessas cidades, especialmente as que fazem parte de redes de empresas com atuação nas escalas estadual, regional, nacional e internacional. Pretende-se a partir da literatura sobre o assunto e dos dados coletados *in loco*, verificar o papel das firmas que atuam no comércio varejista, atacadista e nos serviços, com o objetivo de compreender a importância desse setor na economia local e regional. Cabe também acrescentar a análise como essas empresas atuam nessas novas territorialidades e que uso fazem das redes geográficas para realização das suas atividades.

Palavras chave: redes geográficas, comércio formal, fluxos.

1 Artigo apresentado a Disciplina Organização do Espaço Urbano Regional no Programa de Pós-Graduação-Mestrado em Geografia da UFMT, ministrada pela Prof. Dr^a. Sônia Regina Romancini e Prof. Dr^a. Márcia Ajala Almeida.

ABSTRACT

The new logic of arrangement from the urban centers in the territory of the state of Mato Grosso especially the situated up from the denominated aisles of agribusiness production, must be apprehend through perspective of what these appears on a context of economy round for production , initially of grains and recently with a diversification in production. In this sense appears new firms moving these centers, by changing the space and consequently, the societies involved. This work talks over about the networks geographic, the trading wholesaler and retail on the cities of Sinop, Sorriso and Lucas of the River Green. Try making an discussion to the respect of the trade with principal focus in the firms installed in those cities, especially that one it make part in nets of companies with multi-skilled on the scales in the state, regional, national and international. Pretends through literature about it and field search on the area, do an analyzed about the relevance from the firms what their act into the retail trade, wholesaler and on the services, with objective of understanding the importance of this sector on the economy of that cites and in the region. Analyze too how those companies act on the new territorialities and what use they do from the geographic networks to realize their activities.

Keywords: geographic networks. formal trade. flows.

Introdução

Este trabalho tem como objetivo fazer uma análise do comércio atacadista e varejista das cidades de Sinop, Sorriso e Lucas do Rio Verde, tendo como foco principal as empresas instaladas nas cidades citadas, especialmente as que fazem parte de redes de empresas com atuação nas escalas estadual, nacional e internacional.

O comércio, tido como ramo de grande importância do setor terciário da economia desempenha no estado de Mato Grosso em especial nas cidades acima citadas, cujo nível de crescimento populacional vem, passando por significativas transformações, um papel relevante para a geração de empregos e crescimento da economia.

Esse crescimento deve-se ao processo de expansão da urbanização verificado no Estado, vinculado ao processo de desenvolvimento econômico engendrado pelo Estado brasileiro, cuja origem está relacionada aos projetos de colonização do capital privado que faz com que as cidades mais dinâmicas do eixo ao longo da BR-163 atraiam cada vez mais técnicas e capitais de diversas origens, tornando-se cidades atrativas ao capital nacional e internacional e, conseqüentemente, ao processo migratório.

Mudanças vêm se processando nestas cidades em função do reordenamento dos espaços de produção com a implantação de novos objetos técnicos voltados para o segmento industrial de alimentos com valor agregado, no caso as empresas da cadeia carne/grãos. Atraídos por esta nova dinâmica do espaço, instalam-se, a cada dia novas empresas de diversas regiões do país.

Assim, verifica-se nessas áreas que o comércio e os serviços de um modo geral, buscam expandir-se num ritmo acelerado. Utilizando-se cada vez mais das redes e fluxos para realização da distribuição de mercadorias, informações, serviços e energia, dentro de uma lógica de produção e apropriação dos espaços que visa torná-los hegemônicos, onde se sobressaem os locais melhor estruturados com inserção de técnica e informação, possibilitando maior movimento num espaço cada vez mais comandado pelas ações de seus agentes produtores. Essas vão determinar os fluxos que irão se estabelecer através dos fixos, e conseqüentemente, das redes que compõem o território.

Para o desenvolvimento deste trabalho foi realizado levantamento bibliográfico e documental, bem como trabalho de campo. Este último ocorreu em julho de 2008, com levantamento de dados secundários, entrevistas e registros fotográficos. Realizou-se ainda levantamento de informações em

órgãos públicos assim como entrevistas semiestruturadas com as empresas através de aplicação de questionários.

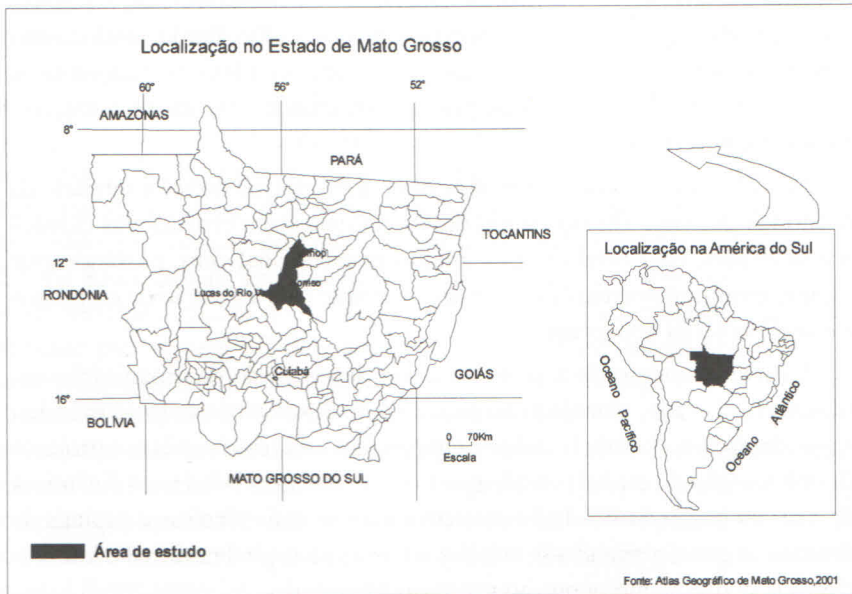


Figura 1: Municípios de Sinop, Sorriso e Lucas do Rio Verde

Fonte: Atlas Geográfico de Mato Grosso

Organização: Moisés Alves de Carvalho, 2008.

Caracterização e considerações sobre a área em estudo

Sorriso

Fundado em 26 de dezembro de 1980, o município de Sorriso localizado na Região Médio Norte de Mato Grosso, na BR-163 (Cuiabá-Santarém), km 742, sob coordenadas geográficas: 12° 32'55,15" S e 55°43'11,09" W, possui uma área territorial de 934.671 ha. Sendo 8.380 ha. de área urbana. Destaca-se na economia, principalmente, pela produção de grãos diversos com agricultura mecanizada e também pela capacidade de armazenamento, está na expectativa de se transformar em um pólo de agroindustrialização no setor de alimentos.

No setor de serviços, a educação tem um importante destaque, nota-se a presença de instituições de ensino, a exemplo da Unemat, Facem, Fais (Faculdade de Sorriso) entre outras. O comércio local encontra-se distribuído nas principais ruas da área central da cidade e ao entorno do centro. Possui

um shopping center com uma atividade comercial mínima, de acordo com informações colhidas na prefeitura municipal da cidade. O setor do comércio e prestação de serviços está voltado para a classe social do setor produtivo, bem como a população de menor poder aquisitivo que ocupam as áreas ditas “periféricas” da cidade.

Lucas do Rio Verde

Originou-se de projetos de colonização do governo federal em 1978, tendo o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) como órgão responsável por liberar as terras, estas começam a ser distribuídas a 200 famílias de agricultores sem-terras em 1981. Localizado na BR-163, o município é apontado como um dos mais dinâmicos no setor produtivo por trazer para o seu território indústrias importantes na produção de alimentos, como a Sadia e outras do setor da produção de energia, principalmente biodiesel, bem como PCHS (Central de Produção Hidrelétrica), e que vem atraindo profissionais de diversas áreas que se instalam na cidade para atender essa demanda. O comércio está voltado a essa classe social que pode pagar por estes serviços especialmente no que diz respeito a vestuário. Importante acrescentar que os serviços estão voltados também para as atividades produtivas da região.

A construção civil é considerada um setor que vem crescendo significativamente na cidade em função da expansão urbana. Em Lucas do Rio Verde ocorrem profundas transformações no espaço urbano e rural, especialmente em função do estabelecimento dessas empresas, alterando toda uma dinâmica espacial, tanto na cidade quanto no campo. Ressalta-se que as relações sócioespaciais que se dão neste espaço são cada vez mais interdependentes, não havendo, portanto, separação entre campo e cidade. Essas empresas se utilizam das condições locais, seus produtos não são destinados somente ao mercado local, mas principalmente a escala global. Assim, o local participa da chamada globalização da economia através das empresas.

Sinop

Sinop surge no final da década de 1960 e início da década de 1970 através de projetos de colonização engendrados pelo governo federal, a partir de terras adquiridas pela Colonizadora SINOP (Sociedade Imobiliária Noroeste do Paraná S/A), com sede em Maringá, estado do Paraná. Toma impulso a partir da conclusão das obras e pavimentação da BR-163, em 1984, consolidando-se em pouco tempo como pólo industrial em diversificação, e pólo comercial e de serviços (SINOP, 2008).

Sinop é considerada uma cidade com destaque na economia do estado no que se refere ao setor terciário. Atualmente, o comércio desempenha um papel relevante no setor de prestação de serviços especializados principalmente no que concerne ao comércio atacadista e varejista, considerado uma saída para a “crise” do setor madeireiro desencadeada no início do ano de 2005, a partir da operação Curupira. Este setor da economia, de acordo com a Secretaria de Planejamento Urbano (SPU, 2008. *in loco*), deu uma alavancada na economia local.

Nota-se que o setor de prestação de serviços em Sinop torna-se, a cada dia, mais relevante, responsável por trazer novos segmentos em diversas áreas. A educação vem dinamizando a economia local com a presença de universidades, a exemplo de um campus da Universidade Federal de Mato Grosso, além de outras que atuam na cidade, oferecendo vários cursos e fazendo com que a cidade amplie ainda mais sua área de influência sobre outras cidades e regiões.

Os estabelecimentos prestadores de serviços especializados, em geral voltados para a manutenção de maquinários que atuam no setor da agroindústria estão localizados em áreas ao entorno do centro principal. Assim, verifica-se que em Sinop a questão da centralidade urbana passa a ser alterada, pois as empresas ou os serviços especializados tendem a se deslocar para áreas mais afastadas do centro principal que até então se configurava como concentrador de serviços. A concentração dessas atividades se deu até recentemente, na Avenida Governador Júlio Campos, Avenida das Acácias e na Rua das Nogueiras.

Carlos (2004) aponta que:

As políticas urbanas recriam constantemente os lugares, produzindo a implosão da cidade e, com isso, novas centralidades se criam, porque a centralidade se desloca no espaço da metrópole em função de novas formas de uso/consumo do espaço (CARLOS, 2004, p.11)

Atualmente as empresas de grande porte, tais como grandes redes de supermercados, prestadoras de serviços especializados entre outras, ocupam a terra urbana no entorno do centro principal, até pelo fato de necessitarem de maiores espaços para se instalarem e também porque os terrenos situados no centro representam alto custo, inviabilizando a reprodução do capital de forma ampliada.

O centro principal de Sinop concentra estabelecimentos comerciais como eletroeletrônico, vestuário, redes de farmácias, escritórios diversos, hotéis, alimentação, órgãos públicos, entre outros. Os estabelecimentos

prestadores de serviços especializados, em geral voltados para a manutenção de maquinários agroindustriais estão localizados em áreas do entorno do centro principal.

Verifica-se, portanto, que a referida cidade que em tempos anteriores desempenhava funções distintas das atuais, como produção de madeira, diversifica bastante suas atividades econômicas, passando a se destacar como um importante pólo no que concerne a prestação de serviços, verticalizando a economia. Ressalta-se que a atividade do setor madeireiro continua, porém em menor escala de produção.

Nota-se também uma significativa expansão do setor de construção civil, que na esteira do processo de expansão urbana, tem um mercado amplo de trabalho. Esse fato também se verifica em Lucas do Rio Verde e Sorriso.

Estudos realizados por Romancini e Martins (2007), sobre a cidade em questão, apontam que o processo de urbanização e atividades urbanas de consumo e de serviços em Sinop são bastante representativos. Afirmam ainda que a cidade se tornou um pólo industrial diversificado e um pólo comercial e de prestação de serviços, prestando atendimento além da região Norte Mato-Grossense, também para alguns municípios do Sul do estado do Pará.

Dados da Secretaria de Planejamento Urbano de Sinop (SPU, 2008, *in loco*) mostram que a cidade exerce influência sobre cidades como Feliz Natal, Vera, Santa Carmem, entre outras, que são atendidas no que diz respeito a uma diversidade de prestação de serviços. Destacam ainda que o poder público juntamente com os atores da esfera empresarial deveriam se articular de forma mais coletiva, no sentido de consolidar a região e buscar um equilíbrio econômico. Aqui os dados levantados destacam uma forte competitividade entre os municípios pela implantação da EMBRAPA em seus territórios, principalmente Sinop e Sorriso. Ressaltar que a referida empresa instalou-se em Sinop, onde desenvolve suas atividades.

Essa competitividade entre os atores, faz parte do que se pode chamar de guerra fiscal entre os lugares, quem oferecer mais vantagens pode ser contemplado com a instalação de empresas de grande porte e relevância econômica. Vale ressaltar que, se tratando de empresas privadas, que não é o caso da Embrapa, o local deve oferecer além das vantagens fiscais, uma localização privilegiada em termos de escoamento para a produção, tais como logística de transporte e proximidade com o mercado consumidor, o que vai favorecer a realização de ampliação do lucro na lógica capitalista.

Como afirma Santos (2004) em função da política territorial de uma empresa e da promessa de objetos modernos que chegarão, os lugares

entram em guerra, um combate por oferecer os melhores dados técnicos e políticos às firmas.

As cidades, de um modo geral, que estão ao longo do eixo da BR-163, apresentam cada vez mais uma dinamicidade no processo de urbanização, em função de se constituírem centros que concentram uma diversidade no setor de prestação de serviços e também por fazer parte das cidades que vêm crescendo enquanto produtoras de grãos e, mais recentemente, por concentrar um grande número de empresas ligadas ao setor industrial brasileiro, a exemplo da Sadia, localizada na cidade de Lucas do Rio Verde.

No Estado de Mato Grosso, por exemplo, o meio técnico-científico-informacional de que fala Santos (1997), está presente principalmente e de forma seletiva e intencional nas áreas mais dinâmicas, no tocante à produção de grãos e, mais recentemente, no segmento da cadeia carne/grãos e, também na produção de combustíveis, a exemplo do biodiesel.

Pode-se inferir que estas empresas se beneficiam de uma série de vantagens locais para ampliação do lucro, tais como: proximidade de matérias-primas, dispõem de terras baratas e em abundância para implantação de suas unidades, facilidade de escoamento da produção, através de uma logística já implantada, além dos incentivos fiscais, entre outras vantagens.

Ressaltar que, as cidades analisadas passam por profundas transformações de cunho sócioespacial, e isto engendra preocupações para os seus gestores, pois são cidades ainda em processo de formação e, com sérios problemas urbanos, principalmente, no que diz respeito a serviços básicos de infraestrutura, como saúde, rede de esgoto, entre outros.

Dados de contagem da população do IBGE (2008) apontam que Sinop aparece como a quarta cidade do estado mato-grossense em número de habitantes. De acordo com o contagem da população de 2007 (estimativa), Sinop aparece com 105 mil habitantes e, na estimativa, divulgada em 30 de agosto de 2008, aparece com 110 mil habitantes.

Sorriso aumentou, de acordo com a mesma estimativa de 55 mil para 57 mil habitantes e, Lucas do Rio Verde de 30 para 32 mil habitantes. Esses dados mostram que estas cidades apresentam um crescimento tanto do ponto de vista demográfico quanto econômico. Pode-se inferir com isso que o processo migratório que ocorre no estado, vale ressaltar, não de forma homogênea, está relacionado ao acentuado processo de urbanização e também associado ao processo de “desenvolvimento” econômico, que tem nestas cidades uma dinâmica cada vez mais crescente.

Incorporação da Amazônia e de Mato Grosso ao Capitalismo Monopolista Mundial

De acordo com Corrêa (2006, p. 226), a maciça industrialização verificada em certas áreas do Sudeste brasileiro, no período 1956-1960, ratificando a hegemonia desta região, foi acompanhada por uma política de incorporação mais efetiva das Regiões Centro-Oeste e Norte, passando a constituir-se em “fronteiras do capital”.

A partir de 1960, verificou-se um conjunto de transformações na Amazônia em função do processo geral de expansão capitalista no país. Isso transformou em “fronteira do capital”. Dentre os diversos fatores que o discurso ideológico pregava a essa integração, além de contar com uma grande dimensão de capitais disponíveis, criou na Amazônia uma fronteira ampla e extremamente diversificada, envolvendo uma variedade de agentes, propostas e ações, bem como conflitos distintos e atendia simultaneamente, a vários propósitos da burguesia nacional e do capital estrangeiro, contando para tanto com a participação do estado brasileiro. (CORRÊA, 1997, P.227)

Essa participação se deu através dos investimentos em infraestrutura, sendo o Estado avalista e repassador dos recursos proveniente do exterior e, estabelecendo um conjunto de políticas que caracterizasse aqueles propósitos. Tais propósitos foram os seguintes:

- Controle do excedente demográfico rural, seja do Nordeste, seja do Centro-Sul do País. Minimizando o afluxo para as periferias metropolitanas e, ao mesmo tempo, criando na Amazônia um mercado de força de trabalho para o capital;
- Incorporação da Amazônia ao mercado de consumo de produtos industrializados e de matérias-primas. Com isso, criou-se em 1960, a ligação entre Belém e o Sudeste do País através de Brasília e, mais tarde, as rodovias para Porto Velho (BR-364) e Santarém (Cuiabá-Santarém);
- A criação em 1970, do Plano de Integração Nacional (PIN) e do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). A partir desses órgãos se originaram projetos de colonização ao longo das principais rodovias implantadas.

Além do controle capitalista de enormes recursos naturais, que vai se traduzir pela apropriação de enormes glebas de terras ricas em madeiras, minérios e solos para a agropecuária (CORRÊA, 2006).

A esse respeito Becker (2006, p. 401) diz que a Amazônia brasileira é um dos mais extensos e pouco povoados espaços do planeta. À semelhança do Brasil e de toda América Latina, foi historicamente ocupada num padrão exportador de matérias-primas valorizadas no mercado externo, segundo o paradigma sociedade-natureza denominado “economia de fronteira” em que o crescimento econômico é visto como progresso linear e infinito através da incorporação de terra e produtos naturais percebidos igualmente como inesgotáveis.

Nota-se que de acordo com a autora, ao ser ocupada, para atender aos interesses do capital, adota-se um modelo de exploração dos recursos naturais, de forma ilimitada sem a preocupação com o as gerações vindouras, pode-se tomar como exemplo o estado de Mato Grosso, que também faz parte da Amazônia, e que tem seu território bastante modificado a partir do desenvolvimento e implantação desses programas voltados para a Amazônia brasileira.

Segundo Becker (op. cit.), ao se referir ao processo de ocupação da Amazônia, afirma que:

É a partir de 1960 que se inicia o processo de urbanização regional, a princípio com a construção da rodovia Belém-Brasília e, a seguir, com a política territorial do Estado, a “Política de Integração Nacional”, que intensifica os fluxos de mercadorias (bens e serviços), energia (trabalho, imigração, dinheiro) e informação (inovações e comunicações) e envolve uma política urbana e imigratória (BECKER, 2006, p. 405).

A partir da década de 1970, a economia brasileira, vinculada ao processo de expansão do capitalismo imperialista monopolista passou a necessitar de novas áreas para serem incorporadas ao processo produtivo nacional, para atender tanto à demanda de matérias-primas e alimentos pelos mercados internos e externos, bem como à ampliação e diversificação do parque industrial do País. Assim, implementou a modernização do campo nas regiões Sudeste e Sul, ao mesmo tempo que abria a fronteira nas áreas da Amazônia para a entrada de capitais nacionais e internacionais, através de incentivos fiscais e crediciais.

De acordo com Monte-Mór (2006), a “urbanização extensiva” atingiu nos últimos trinta anos praticamente todo o País e:

Estendeu-se a partir das regiões metropolitanas, articulando-se aos centros industriais, às fontes de matérias-primas, seguindo a infra-estrutura de transporte, energia e comunicações, criando e estendendo as condições de produção e os meios de consumo coletivo necessários ao consumo da

produção industrial fordista que se implantava no Brasil com o milagre brasileiro (MONTE-MÓR, 2006, p. 16).

Essas condições ou medidas políticas apontadas anteriormente criadas pelo Estado brasileiro faz com que Mato Grosso configure-se no cenário nacional como o destino de pessoas para ocupação do Norte e Médio Norte do território do estado em busca de desenvolver atividades econômicas, uma vez que além dos incentivos oferecidos pelo Estado brasileiro, contam também com terras em abundância e com baixo preço. Importante dizer que os colonos oriundos, principalmente da Região Sul e do Sudeste do País é que compõem a população que migrou pra o Norte do estado de Mato Grosso.

Pode-se dizer que o processo de ocupação do território mato-grossense para a atividade econômica se deu em três etapas e, em três momentos distintos: na década de 1970, inicia a ocupação com atividades de pecuária extensiva, na década seguinte, se verifica o início da atividade de produção da agricultura ainda pouco desenvolvida do ponto de vista da introdução de técnica moderna. Esse incremento veio ocorrer com mais força na década de 1990, quando entram novas técnicas, transformando o campo mato-grossense, principalmente no eixo da BR 163, num espaço altamente tecnificado.

De acordo com Moreno (2005), o governo federal estimulou a instalação maciça dos chamados projetos de “colonização empresarial” (agropecuários, agroindustriais e de mineração) e de colonização privada. Mato Grosso concentrou, nas décadas de 1970/1980, o maior volume de recursos e de projetos empresariais destinados aos estados da Amazônia Legal.

A incorporação da Amazônia ao processo de expansão do capitalismo imperialista monopolista fez com que a produção do espaço territorial do Médio Norte mato-grossense tomasse nova forma, surgindo cidades, e com estas, um grande número de serviços que veio atender a demanda desses centros urbanos. Entre essa gama de prestadores de serviços cabe analisar a atuação das redes de lojas de “grande porte” que se instalaram nas cidades de Sinop, Sorriso e Lucas do Rio Verde.

Assim, pretende-se verificar como estas empresas atuam nas áreas citadas, quais as relações de cunho comercial estabelecidas com suas matrizes no País, na região Centro-Oeste e no próprio Estado. Nota-se que cada vez mais novas empresas de grande repercussão no território nacional se instalam em Mato Grosso, ocupando as cidades mais dinâmicas do Estado. Principalmente as que estão situadas às margens da BR 163, além de cidades da Depressão Cuiabana.

As cidades de Sinop, Sorriso e Lucas do Rio Verde, vêm, com o processo de urbanização e a diversificação no campo da produção econômica, vendo seus sítios urbanos expandir de forma acentuada nos últimos anos, esse processo vem atraindo para a região importantes empresas e indústrias, que se beneficiando de terras baratas, matérias-primas abundante, meios para escoamento da produção através da BR-163, as políticas de incentivos fiscais do Estado, bem como mercado consumidor, decidem se instalar e ampliar suas unidades no estado.

Santos (2004, p. 271), ao falar da centralidade política desempenhada por cidades como São Paulo e Brasília na ocupação/movimento do território brasileiro, onde sugere uma divisão regional ou criação de quatro regiões com base na inserção da técnica ou do conjunto destas, aponta que a região Centro-Oeste, da qual Mato Grosso faz parte, é uma área de “ocupação periférica” recente. O meio técnico- científico-informacional se estabeleceu sobre um território praticamente “natural”, ou melhor, “pré-técnico”, onde a vida de relações era rala e precária.

Afirma ainda que:

Sobre essa herança de rarefação os novos dados constitutivos do território são os do mundo da informação, da televisão, de uma rede de cidades e asentada sobre uma produção agrícola moderna e suas necessidades relacionais. Onde o Estado participa generosamente do financiamento necessário à criação de novos sistemas de engenharia e novos sistemas de movimento. Cujas ausências de rugosidades materiais e organizacionais, consideráveis, os novos objetos e as novas ações criam um espaço inteiramente novo e com grande participação na globalização (SANTOS, 2004, p. 271).

Ou seja, em Mato-Grosso, têm-se abundância de terras, domínios biogeográficos, que para o discurso ideológico dos atores hegemônicos que buscavam explorar essas áreas “naturais”, apontava serem áreas que representavam baixa potencialidade para fins produtivos, como a prática de atividades agrícolas, a exemplo do cerrado. Não há grandes equipamentos geográficos dispostos sobre o espaço em questão, como estradas construídas, entre outros. O que facilitará a atuação dos agentes hegemônicos, com suas ideologias e interesses de classes a explorar os recursos naturais e ampliar o lucro.

Outro fator relevante a considerar nesse processo é a ação do Estado com iniciativas voltadas à criação das condições tanto abstratas quanto concretas para a materialização das ações dos agentes produtores desses novos espaços. Numa interpretação de Lefebvre (*apud* BERNARDES, 2007) a produção do espaço está em correspondência com o nível das forças produtivas.

Redes Geográficas: Breves Considerações

Ao falar de redes geográficas deve-se levar em consideração, além das redes ferroviárias, rodoviárias, hidroviárias importantes no processo de integração de lugares e atendendo aos interesses de determinados momentos, sejam de circulação de mercadorias e pessoas, com o avanço da ciência e da técnica, surgem novas formas de “redes”, que vão cada vez mais acelerar os fluxos de informações em praticamente todo o mundo, trata-se das telecomunicações, que junto com as redes citadas anteriormente, desempenham importante papel para as transações comerciais em tempos de economia globalizada. Onde o espaço passa a ser comandado pelas empresas, tanto nacionais quanto transnacionais.

As telecomunicações sofreram grande avanço com a fibra ótica, que possibilitou desenvolver equipamentos cada vez mais “modernos”, e com o surgimento dos satélites pode-se estabelecer relações com outros lugares em nível global, através das chamadas redes informáticas, que para Santos (2004), não constitui rede nem tampouco virtuais. Em realidade, trata-se de um conjunto de pontos cujos suportes estão, de um lado, vinculados ao domínio de forças naturais, como o espectro eletromagnético, e, de outro, à utilização das forças elaboradas pela inteligência e contidas nos objetos técnicos, como o computador (SANTOS, 2004, p. 210-211).

Segundo Haesbaert e Limonad (2007), nas sociedades tradicionais prevaleceu uma construção do território baseada em *áreas* ou *zonas* e nas sociedades modernas predomina a construção de territórios onde o elemento dominante são as redes ou a geometria dos pontos e linhas.

Haesbaert (2005) considera que as redes são elementos ou unidades elementares do território pela apropriação e dominação social, as redes para ele, seriam os pontos e linhas, nós. O autor acrescenta que em geral as redes, ao estimularem os fluxos e a extroversão, encontram-se a serviço da desterritorialização, principalmente no que se refere à sua articulação com os circuitos de “fluidez” do capital internacional. Mas elas acabam quase sempre integradas também, em outras escalas, a uma dinâmica reterritorializante. Ou seja, as redes potencialmente desterritorializantes, especialmente nas redes globais do capitalismo contemporâneo, mas sem ignorar seu imenso potencial reterritorializador, principalmente no que concerne às redes de solidariedade.

Já para Dias (2005), o termo rede não é recente, tampouco a preocupação em compreender seus efeitos sobre a organização do território. A autora

aponta que o termo rede aparece na literatura como um conceito-chave com Saint-Simon, depois Michel Chevalier, o utilizou para evocar a relação entre as comunicações e os créditos em 1832.

Diversos trabalhos relativos à rede foram desenvolvidos. Dentre esses, pode-se destacar o de Leon Lallane, que desenvolveu um esforço de teorização buscando encontrar as leis que presidiam à configuração das redes de estradas de ferro. Segundo os historiadores, constitui o primeiro ensaio teórico consagrado às redes Ribelle (*apud* DIAS, 2005).

Segundo Dias (2005), era um projeto de integração territorial, integração de mercados regionais, pela quebra de barreiras físicas, obstáculos à circulação de mercadorias, de matérias-primas, mas também de capitais.

A discussão sobre redes aparece depois nos anos cinquenta, na tese do geógrafo Jean Labasse (1955) intitulada “os capitais e região” sobre redes bancárias. Na mesma época Pierre Monbeig, escreve “Regiões e Redes” na sua tese sobre os pioneiros e plantadores de São Paulo, revelando o papel das redes ferroviárias sobre a organização espacial (DIAS, 2005).

Após os estudos sobre rede, de Monbeig, assiste-se um silêncio sobre a temática. Hoje, nos defrontamos com o termo rede, seja enquanto conceito teórico, utilizado em diversos campos disciplinares, seja enquanto noção empregada pelos atores sociais. Tais como redes estratégicas, redes de solidariedade, redes de ONGs, redes de universidades, redes de energia, redes de informação, entre outras (DIAS, 2000, p. 146).

Para a mesma autora, muitas são as complexidades produzidas ao longo do século XX, redesenhando o mapa do mundo, dos países e das regiões. Processos de múltiplas ordens: de integração produtiva, de integração de mercados, de integração financeira, de integração da informação. E processo de desintegração, de exclusão de vastas superfícies do globo. Todos esses processos, diz a autora, pressupõem a existência de redes e estratégias de circulação e comunicação, ou seja, a rede aparece como instrumento que viabiliza essas duas estratégias: circular e comunicar.

Para Raffestin, as redes se adaptam às variações do espaço e as mudanças que advêm no tempo. São móveis e inacabadas, num movimento que está longe de ser concluído. Para ele, a rede faz e desfaz as prisões do espaço tornado território, tanto libera como aprisiona. Considera a rede como um instrumento por excelência do poder. Raffestin (*apud* DIAS, 2005).

Segundo Dias (2005), esta noção de conceber rede como instrumento de poder, pode ser encontrada em outros autores, como Lefebvre e Claval, por exemplo, e que os fluxos, de todo tipo - das mercadorias às informações

pressupõem a existência das redes, essas apresenta como primeira propriedade a conectividade – qualidade de conexão -, que tem ou em que há ligação. Os nós das redes são assim, lugares de conexões, lugares de poder e de referência, como sugere Raffestin.

Santos (2004) ressalta que são múltiplas as definições sobre redes. Mas se pode enquadrar em duas grandes matrizes: a que apenas considera o seu aspecto, sua realidade material, e uma outra, onde também é levado em conta o dado social. A primeira leva uma definição formal que é retratada por N. Curien (apud SANTOS, 2004) como sendo:

Toda infraestrutura, permitindo o transporte de matéria, de energia ou de informação, e que se insere sobre um território onde se caracteriza pela topologia dos seus pontos de acesso ou pontos terminais, seus arcos de transmissão, seus nós de bifurcação ou de comunicação (CURIEN, 1988, p.212)

Mas a rede é também social e política, pelas pessoas, mensagens, valores que a frequentam. Sem isso, e a despeito da materialidade com que se impõe aos nossos sentidos, afirma Santos, a rede seria, na verdade, uma mera abstração.

Sob esse prisma ele afirma que:

As redes são técnicas, mas também sociais. Animadas por fluxos, que dominam o ser imaginário, as redes não prescindem de fixos – que constituem suas bases técnicas – mesmo quando esses fixos são pontos. Assim, as redes são estáveis e, ao mesmo tempo, dinâmicas. Fixos e fluxos são intercorrentes, interdependentes. Ativas e não passivas, as redes não têm em si mesmas seu princípio dinâmico, que é o movimento social (SANTOS, 2004. p. 277).

Verifica-se, portanto, que as cidades estudadas podem se constituir numa região bastante concentrada, numa escala regional, concentração no que se refere aos fluxos e densidade de técnica, pois cidades como Lucas do Rio Verde, Sorriso e Sinop, que antes se uniam por laços de solidariedade local, atualmente têm nas redes e fluxos importância fundamental.

O fator distância vem sendo superado pela inserção nestas áreas, de novos mecanismos, tais o uso do computador e da internet, suprimindo assim, as distâncias. Ressaltar que as distâncias do ponto de vista da materialidade continuam as mesmas, mas os tempos são outros. Ou seja, mesmo não havendo contiguidade entre estas cidades, elas podem estabelecer relações que antes seriam dificultadas pela ausência de novas tecnologias, especialmente as que se refere ao campo da informação.

Nesse processo, as redes são importantes e, através destas, os fluxos que se estabelecem; de trabalho, de mercadorias, financeiro, de informações, de decisões, entre outros. Importante considerar nesse processo que os fixos são de suma importância nesses círculos de cooperação por configurar-se como elementos amarradores de fluxos.

Tendo nestas áreas uma economia dinâmica e o acesso possibilitado pela presença de redes estabelecidas, o capital comercial encontra terreno fértil para atuar e reproduzir-se, isto ocorre, como se verifica na área em estudo, através da prestação de serviços os mais diversos, destinados a uma classe social que pode pagar por tais serviços, pois são cidades cujo custo de vida é um tanto elevado, haja vista que são cidades onde a produção, em sua maioria, está voltada para fora da região.

Nota-se que as cidades pesquisadas localizam-se distantes das áreas produtoras de seus bens de consumo o que faz considerar que entre estes lugares se estabelecem determinadas relações entre os agentes sociais hegemônicos e os centros produtores destes bens, no que se refere ao âmbito do comércio local e as indústrias.

A despeito disto Corrêa (1997, p. 180) aponta que entre produção e consumo capitalista se estabelece a distribuição que passa, sob a égide do capitalismo, a desempenhar papel crucial na sociedade e em sua organização espacial. Essa organização espacial da distribuição se dá na articulação entre diferentes áreas produtoras e conta com os locais, a exemplo das cidades que se interligam através do comércio atacadista, varejista e dos serviços.

Para Corrêa (1997.), a articulação entre produção propriamente dita e consumo final ocorre através das numerosas cristalizações materiais diferenciadas, rede hierarquizada de localidades centrais, onde ocorre o processo de distribuição varejista e de serviços num determinado território, sob o domínio do modo capitalista de produção.

Afirma também que essa forma de distribuição através da rede hierarquizada proposta por Christaller seria empregada na fase concorrencial do capitalismo e, que o *daily urban system* se constitua no modelo sócioespacial básico através do qual, entre outros papéis, se verifica a distribuição de bens e serviços. Esse modelo pode atender melhor a distribuição de bens e serviços na atual fase do capitalismo monopolístico.

O autor enfatiza que com a progressiva centralização da unidade de capital vinculado ao comércio, centralização que se verifica pelo crescimento de firmas, pela criação de grandes empresas com cadeias de lojas multilocalizadas, pela fusão de interesse do grande capital comercial com o capital imobiliário e

financeiro, traduzindo na criação de shopping centers planejados, deva haver uma progressiva diminuição da importância relativa e mesmo numérica de localidades centrais de mais baixo nível hierárquico (CORRÊA, 1997).

Corrêa entende por rede geográfica “um conjunto de localizações geográficas interconectadas” entre si “por um certo número de ligações”.

As redes geográficas, pelo que se nota na literatura sobre esta temática, não é um fato recente na história da humanidade, mas, atualmente, com o avançado processo de globalização torna-se cada vez mais importante para compreensão da organização do espaço geográfico. E estiveram presentes nos circuitos de troca de presentes das comunidades primitivas, na organização espacial centralizada pela cidade cerimonial e suas aldeias tributárias e na organização comercial dos centros do mundo mediterrâneo. Roma organizou uma rede de cidades (Lugdunum, Argentoratum, Massilia, etc.) e a Baixa Idade Média, viu florescer uma rede de cidades, especialmente no norte da Itália e na Flandres (CORRÊA, 1997).

Na organização e expansão do capitalismo, as redes geográficas assumem diversas formas de manifestações, tornando-se ainda progressivamente mais importantes. Como na vida econômica, social, política e cultural, de um modo ou de outro, todos estamos inseridos em mais de uma rede geográfica e, simultaneamente, excluídos ou ausentes de um número ainda maior de redes (CORRÊA, 1997, p. 109).

O Comércio

O comércio é considerado um importante componente econômico do processo de urbanização, na medida em que requer uma gama de serviços de comunicação e de transportes, interligados em redes, para colocar em movimento o mecanismo territorial de trocas e bens, dos locais de produção aos centros consumidores. Engendrando a partir daí a necessidade de comercialização de mercadoria, com a venda dos produtos ao consumidor final ou intermediário, tornando possível a realização do lucro do capital investido.

A atividade do comércio e dos serviços constitui ramos do setor terciário da economia, cujas atividades são impulsionadas pelo desenvolvimento dos setores primário e secundário e divide-se em atacadista e varejista. À medida que se nota um processo de urbanização acentuado em determinados lugares, país ou estado, os serviços tendem a se expandir junto, notando-se que os segmentos mais complexos são instalados nos maiores centros urbanos.

Assim, nota-se que entre produção e venda final ao consumidor ocorre uma série de movimentos no ciclo da reprodução do capital no espaço, “ca-

bendo à rede de comunicação unir e integrar as parcelas do espaço nacional através do relacionamento de compra e venda entre os estabelecimentos industriais e estes aos consumidores” (CARLOS, 1991, p. 39).

Verifica-se que é de fundamental importância o estabelecimento de rede no processo de circulação de pessoas, mercadorias e informações para os objetivos do capital no processo de ampliação e acumulação do lucro.

Beltrão Sposito ao se referir ao processo de urbanização à luz da industrialização afirma que:

Nos dias atuais, esta rede de comunicações e transporte que permite a circulação de pessoas, das mercadorias, das informações, e é o suporte para o desenvolvimento capitalista, é tão densa, que parece até difícil conceber que há um século atrás esta rede ainda estivesse se formando (BELTRÃO SPOSITO, 2005. P. 54).

Para Moreno (2005), até meados da década de 1980, observa-se um lento crescimento do setor terciário, com atividades comerciais demonstrando maior velocidade de expansão em relação à de serviços. A importância crescente deste setor na economia brasileira e, em consequência, a do Estado, principalmente no ramo de serviços, acompanha uma tendência ditada pela globalização, que em decorrência do crescimento e reestruturação da economia estadual, o setor terciário apresenta contínua expansão em suas múltiplas ramificações comerciais e de prestação de serviços, a partir de 1980 (MORENO, 2005).

Numa análise contextual da economia nacional e do próprio Estado, pode-se verificar que no período ao qual se refere a autora, o processo de urbanização em Mato Grosso apresentava-se em ritmo acentuado de expansão, com o crescimento econômico de inúmeras cidades do Norte e Médio Norte do Estado. Esse processo de crescimento incentiva o processo de migração para estas localidades, ampliando assim, seu mercado consumidor, que vai fazer com que o capital comercial se instale e se reproduza.

Em Mato Grosso, esse crescimento populacional se deu, fundamentalmente, com a implantação dos projetos de colonização voltados para o desenvolvimento, inicialmente da pecuária, produção de grãos, extração de madeira para atender o mercado externo.

De acordo com Vilarinho Neto (2005, p. 124), em 1980, 67,59% do total da população brasileira já residiam em cidades. Em 1991, o Brasil tornou-se essencialmente urbano: 75,59% do total da população era urbana. Esse processo continuou a se expandir e, em 2000, 81,28% da população brasileira,

169.544.443 habitantes, encontrava-se na condição de população urbana. Segundo o autor (2005), Mato Grosso apresenta altas taxas de crescimento da população urbana entre as décadas de 1980 e 1990, ocorrendo uma queda a partir de 1991.

Análise sobre o Comércio Local

Para atuar no espaço urbano as empresas necessitam pagar um determinado valor aos cofres públicos, esses impostos variam de acordo com a categoria da empresa, ou seja, figuram entre as categorias de micro e grande empresa. No caso pesquisado, os impostos se enquadram na categoria de empresas de médio a pequeno porte, sendo a maioria dos impostos recolhidos na capital do Estado através da Receita Federal, ficando para as unidades locais a incumbência de pagar somente o alvará diretamente na prefeitura das cidades onde estão situadas. A maioria das empresas levantadas opta por pagar o 'Supersimples', uma modalidade de imposto para pequenas e médias empresas.

Para tentar trazer mais elucidações sobre a constituição das empresas que atuam na área estudada, foram realizadas entrevistas junto aos representantes dessas empresas, lembrando que o objeto estudado foi delimitado através dos seguintes critérios: interessa além de tudo, unidades de estabelecimentos comerciais que compõem redes de empresas com atuação no Estado, na Região Centro-Oeste e em outras regiões do território nacional.

No que diz respeito à origem das empresas, dentro de um universo de trinta e seis estabelecimentos levantados nas cidades estudadas obteve-se os seguintes resultados: 76% são originários da região Centro-Oeste; 16% da região Sudeste e 8% têm origem local. Ou seja, nas cidades onde se realizou o estudo. A média de tempo de atuação entre as empresas pesquisadas é de 9,25 anos, sendo que apenas uma está instalada há mais de trinta anos e outra há vinte anos, as demais atuam nas cidades entre dois e dez anos.

No que se refere à tipologia das empresas pesquisadas, 83% são empresas familiar; 16% associação e 15% configura como franquia. Quanto ao capital investido, 80% é capital próprio e 20% capital misto; Geram 496 empregos diretos e 16 indiretos. Quanto à origem dos produtos comercializados, a Região Sudeste aparece como a que mais fornece produtos, seguido da Região Sul, Norte e exterior. A Região Nordeste não aparece como fornecedora de produtos e a Região Centro-Oeste fornece produtos ligados à produção de hortaliças, vindo especialmente da pequena produção.

No que refere aos meios de transportes utilizados para transferências de mercadorias entre os centros distribuidores e as indústrias, 70% utilizam transporte particular; 20% transporte próprio e 10% misto, ou seja, particular e próprio.

A média salarial entre os trabalhadores nas empresas pesquisadas é de R\$: 701,41. Os salários das empresas analisadas estão na faixa entre um e oito salários mínimos, a discrepância na média encontrada se dá em função de os estabelecimentos comerciais pesquisados terem um quadro de profissionais composto por um gerente que recebe uma remuneração considerável e os demais recebendo salários baixos.

No que concerne à prestação de serviços os dados apontam que os estabelecimentos comerciais atendem as diversas classes econômicas: 85% atende todas as classes sociais e 15% as classes média e média baixa.

Os dados apresentados é um produto dos levantamentos *in loco*, realizados em Sinop, Sorriso e Lucas do Rio Verde, no período entre 14 e 20 de julho de 2008, contemplando trinta e seis estabelecimentos comerciais distribuídos entre o comércio em geral (vestuário, eletroeletrônico, alimentação, educação e prestadores de serviços).

Os dados apontam que o comércio varejista e atacadista nas cidades pesquisadas movimenta e envolve uma gama significativa de outros segmentos da economia em escala, que vai da local a global. As empresas instaladas são originárias de diversas regiões do País, emprega uma logística diversificada para transferência de valores, contando com uma rede heterogênea para alcançar tais objetivos.

O comércio nas cidades pesquisadas está voltado, em sua maioria, para atender a uma classe social envolvida com as atividades agroindustriais, abrange uma extensão significativa na região e cidades sob sua influência, inclusive cidades fora do Estado; Faz uso de uma rede de transporte de mercadorias bastante heterogênea, desde transporte próprio, a particular, uma vez que os produtos são oriundos de várias regiões do País e mesmo do exterior.

Considerado um setor da economia que emprega um percentual significativo de mão-de-obra, apresenta ainda uma política salarial pouco atrativa em função da baixa remuneração, fato constatado a partir dos dados fornecidos pelos entrevistados.

Pode-se inferir com isto que as empresas têm na relação capital/trabalho uma fonte de reprodução e ampliação do capital nas cidades pesquisadas, através do excedente de produção ou mais-valia. O que acaba por excluir

parcela importante da população, inviabilizando o acesso aos bens produzidos através da desigual distribuição de renda.

Verificou-se também que as decisões de um número significativo de empresas são tomadas na sede da empresa que, mesmo distantes, lançam mão de meios técnicos disponíveis para articular estratégias, tanto no âmbito da gestão como no que diz respeito ao marketing.

Tabela 1: Evolução do número de empresas instaladas em Sinop entre 2001-2007

Anos	Até 2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	Total de empresas	Evolução
Indústrias	843	83	93	74	96	60	45	41	1.335	+58,4%
Varejistas	1.545	205	228	203	240	182	141	124	2.868	+85,6%
Atacadistas	140	10	39	29	56	54	28	32	388	+177,10%
Serviços	2.299	347	382	429	451	331	302	242	4.783	+108%
Total de empresas	4.827	645	742	735	843	627	516	439	9.374	+94,2%

Organização: Moisés Alves de Carvalho, 2008.

A partir dos dados da (tabela 01), pode se inferir que: no setor da indústria, nota-se uma estabilidade no período entre 2001 e 2004, declinando a partir de 2005. No setor varejista ocorreu crescimento entre os anos de 2001 e 2003, continuou crescendo em 2004, e houve declínio a partir de 2005. No setor atacadista há um crescimento entre 2001 e 2005, e ocorre uma queda brutal a partir de 2006. No setor de prestação de serviços, verifica-se um crescimento significativo entre 2001 e 2004 e começa a declinar a partir de 2005.

Tabela 02: Número de empresas instaladas em Sorriso em 2008

Indústrias 194	Prestadores de serviços 1.418	Lojas Comerciais 2.707	Total de empresas 4.319
-------------------	----------------------------------	---------------------------	----------------------------

Fonte: Prefeitura Municipal de Sorriso, 2008. Organização: Moisés Alves de Carvalho, 2008

A partir dos dados da (tabela 02) sobre as empresas que se instalaram em Sorriso durante o ano vigente, pode-se inferir que o setor do comércio, através de implantação de lojas, apresenta uma maior envergadura, chegando quase a dobrar o número de estabelecimentos em relação ao setor de prestação de serviços. Esse último é bastante significativo e pelo que se nota no espaço urbano da cidade, o mercado tem uma demanda importante. O setor industrial também vem ocupando cada vez mais espaço nessa cidade.

Considerações Finais

Neste trabalho analisou-se a temática das redes geográficas e o comércio atacadista e varejista nas cidades de Sinop, Sorriso e Lucas do Rio Verde, especificamente empresas que atuam nesse mercado e cuja territorialidades se fazem presente em outras regiões do País. Sendo considerada, portanto, redes de empresas. Abordou-se a questão das redes geográficas e o papel desempenhado no processo de ligação entre os centros de produção e distribuição e as cidades pesquisadas.

Verificou-se que o comércio atacadista e varejista tem, nessas cidades, importância fundamental em função de sua representação na geração de riqueza e emprego para uma parcela significativa da população, pois nota-se que o processo de crescimento populacional nesta região do Médio Norte do Estado encontra-se em ritmo acelerado em virtude da alteração no setor produtivo, especialmente com a implantação de novas firmas no setor de produção de alimentos.

Observou-se também que o setor terciário é significativo em virtude de dar suporte as atividades do campo, como os serviços especializados, que atende a essa demanda e, por desempenhar o papel de manter aquecida a economia nos chamados momentos de “crise” noutros setores produtivos.

No que concerne as relações estabelecidas com outras regiões do País, as empresas o fazem, principalmente no que tange á questão logística, circulação de informações, mercadorias e decisões entre sede das empresas e suas unidades filiadas.

Notou-se ainda que as empresas de um modo geral praticam um política salarial nos moldes da maioria das empresas no País, no setor de comércio e serviços, ou seja, salários baixos e um sistema de remuneração baseado na produtividade.

Referências

- A Gazeta, **Censo Demográfico-Sinop tem 110 mil pessoas**. Caderno política, Cuiabá: 31 Ago. 2008.
- BECKER, Bertha K. Dinâmica urbana na Amazônia, In: Milton Santos et. al. **Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial**. Milton Santos et. al. Rio de Janeiro, 2ª ed. 2006.
- BELTRÃO SPOSITO, Maria Encarnação. **Capitalismo e Urbanização**. 14ª. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

BERNARDES, Júlia Adão. Mudança técnica e espaço: uma proposta de investigação. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs) **Geografia Conceitos e Temas**. 10ª ed. Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2007. pp. 239-269.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço e Indústria**, 4ª ed. São Paulo. Contexto 1991.

Câmara de Dirigentes Lojistas (CDL) Sinop. ed. 051 jul 2008. **Jornal o Lojista** p. 8.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Estudos sobre a rede urbana**, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

DIAS, Leila Cristina. Redes: Emergência e organização. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs) **Geografia conceitos e temas**. 7ª ed. Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2005. pp. 141-162.

HAESBAERT, Rogério; LIMONAD, Ester. O território em tempos de globalização. etc..., espaço, tempo e crítica. In: **Revista eletrônica de ciências sociais aplicadas e outras coisas**. N° 2(4), vol. 1. Disponível em: <<http://www.uff.br/etc/>> Acesso em 15 Ago. 2007.

MONTE-MÓR, Roberto Luis. O que é o urbano no mundo contemporâneo. In: **Revista paranaense de desenvolvimento**, nº 111. jul-dez. 2006 pp. 9-18.

MORENO, Gislaíne. O processo de ocupação da Amazônia mato-grossense-exemplo de dois municípios da Bacia do Médio Teles Pires, Sinop e Lucas do Rio Verde. In: **Revista mato-grossense de Geografia/Departamento de Geografia do ICHS da UFMT**. Ano 03/04. nº 03/04. Out. EdUFMT 1998/1999.

_____. Políticas e estratégias de ocupação In: MORENO, Gislaíne, HIGA, Tereza Cristina Souza. (orgs.). **Geografia de Mato Grosso: Território, Sociedade, Ambiente**. Cuiabá: Entrelinhas. 2005. pp. 34-51.

_____. Políticas públicas de infra-estrutura e desenvolvimento regional In: MORENO, Gislaíne, HIGA, Tereza Cristina Souza. (orgs.). **Geografia de Mato Grosso: Território, Sociedade, Ambiente**. Cuiabá: Entrelinhas. 2005. pp. 172-205.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SORRISO/**Isatoria**. 2008.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SINOP. **Sinop em números evolução do número de empresas instaladas** 2008. PP. 13-14.

ROMANCINI, Sônia Regina; MARTINS, Eledir da Cruz. Sinop-MT: Uma abordagem sobre a dinâmica do espaço urbano-regional, In: Maitelli, Gilda

Tomasini; ZAMPARONI, Cleusa Aparecida Gonçalves Pereira (orgs) **Expansão da soja na pré-amazônia mato-grossense; impactos socioambientais**. Cuiabá, MT Entrelinhas: EdUFMT, 2007. pp. 171-191.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional**. São Paulo: 3ª ed. Hucitec, 1997.

_____. Milton, **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção** 4ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil, território e Sociedade no início do século XXI**, 9ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

Secretaria de Planejamento Urbano de Sinop (SPU), 2008.

VILARINHO NETO, Cornélio Silvano. Dinâmica urbana regional. In: MORENO, Gislaene, HIGA, Tereza Cristina Souza. (orgs) **Geografia de Mato Grosso: Território, Sociedade, Ambiente**. Cuiabá: Entrelinhas. 2005. pp. 120-137.